**As lutas agarradas indígenas e caboclas brasileiras: o *ikindene*, o *piãguá* e a marajoara sob viés da psicologia do etnoesporte[[1]](#footnote-2)**

Fabio José Cardias-Gomes

(UFMA-Imperatriz/Maranhão; Pós-doutorando FFLCH-USP/São Paulo)

**Palavras-chave**: psicologia do etnoesporte, lutas agarradas amazônidas, indígenas e caboclos

**Introdução**

 O *objetivo* deste trabalho é apresentar dados de estudos e coletas em campo sobre as lutas agarradas corporais conhecidas como *ikindene*, *piãguá* e *marajoara*. O enfoque da pesquisa envolve o atual desenvolvimento da psicologia do etnoesporte e dos jogos e esportes tradicionais e populares (JET[[2]](#footnote-3)), com base nos estudos dos conceito contemporâneos de Etno-desporte Indígena em Fassheber (2006, 2010) e de Ethnosport em Kylasov (2012), em Cardias-Gomes (2021a, 2021b, 2021c), bem como dos jogos e esportes tradicionais indígenas e populares (JETs), como em Palerbas (2002), LaVega (2004), Ferreira e Vinha (2015), Saura e Zimmermann (2021), Essa et al (2022), dentre outros estudos.

 Portanto, o desenvolvimento de uma disciplina nova, original e autêntica que se propõe a psicologia do etnoesporte e dos JET, se faz em diálogo com a antropologia do corpo, do esporte, das práticas corporais, das práticas esportivas ou do corpo-território, dependendo de posições teóricas de cada autor, como em Mauss (1936), Guedes (1997), Toledo (1996), Miranda (2020) e Haesbaert (2021). Se propõe como uma disciplina na psicologia do esporte, e por motivos óbvios com a psicologia social do esporte, como em Rubio e Camilo (2019), mas também com as referências técnicas para atuação de psicólogos como em psicologia dos povos tradicionais, dos povos indígenas, das políticas públicas no esporte e a psicologia do esporte (CFP, 2018, 2019a, 2019b, 2022).

 Por sua vez, o conceito de etnoesporte é recente na literatura especializada, e se propõe como uma intersecção dos estudos dos JET, visto que busca compreender as ressignificações contemporâneas dos mesmos, especialmente entre jogos indígenas pós contato ocidental, ou outras etnias que os tem por base e prática ancestral, mas também com a introdução dos esportes modernos nessas comunidades tradicionais, ou mesmo da profissionalização de pessoas indígenas, ou de outro pertencimento étnico saídas de suas comunidades tradicionais, iniciando carreira como atleta profissional em um mundo novo, que requer adaptação em vários graus. Ou como observado em Fassheber e Cardias-Gomes (2020):

Desde tempos coloniais, os jogos tradicionais nativos encontraram na pena de administradores, militares e religiosos algumas descrições que abtecedem o século XIX e vão ao raiar da etnografia do século XX como método de descrição. Nas Américas, os estudos sobre as práticas etnoesportivas alcançam as literaturassociais ao longo das décadas de 1960 a 80 (Chan, 1967 e Culin, 1975, e Nobokov, 1981). No brasil, há alguns exemplos, como o futebol-de-cabeça (Zikunahyti ou Hayra) que foi anotado por Rondon 1906, 1916 e Roosevelt, 1915, e a corrida de toras de muitas etnias que ganhou foco nos trabalhos ímpares de Nimuendajú, 1946, e Melatti, 1975. Ainda sobre as toras, Vianna (2001) inaugura a produção brasileira no século XXI. Termo sugerido por Toledo em 2001 sobre trabalhos pontuais, o conceito de Etnoesporte é sistematizado por Fassheber em 2006. Em 2012, Kylasov sistematiza e difunde o termo Ethnosport na Europa. Nessas literaturas, são notórios os processos de transformação e adaptação que muitos jogos tradicionais sofreram e sofre todas as suas lutas para persistirem como práticas identitárias. Contemporanemente ao XXI, diversas associações de jogos tradicionais, ou Traditional Sports and Games (TSG) e Ethnosports são organizados em países e continentes e recebem diferentes reconhecimentos e institucionalizações da UNESCO como questão global (LaVega, 2011). Embora nem todas conversem a mesma linguagem acadêmica e prática, o interesse comum é nobre. Podemos concluir que o conceito de Etnoesporte está se estabelecendo mundialmente, ainda que em constante revisão. (FASSHEBER e CARDIAS-GOMES, 2020, p.1)

 Assim, em especial diálogo com a antropologia das práticas esportivas e/ou corporais dos/entre os povos indígenas e comunidades tradicionais, aprofunda-se estudos científicos, conhecimentos acadêmicos e saberes ancestrais na construção de uma psicologia nômade, coletora e pescadora nas florestas, nos cerrados e nos sertões amazônidas, que vai se estruturando como psicologia do etnoesporte e dos jogos e esportes tradicionais na compreensão das modalidades praticadas pelos povos da floresta, independente dos anos de contato, no caso dos indígenas, que podem ser: desde os isolados aos de recente contato (Awás =Guajás no Maranhão), de médio contato (Timbiras no Maranhão, Pará e Tocantins) ou de longo contato (os Guajajaras e Gamelas), os de contexto urbano (Tupinambás) com a sociedade hegemônica, ocidental e colonizadora.

 As agarradas indígenas e caboclas amazônidas são modalidades de jogos de lutas que se desenvolveram em seus territórios específicos, etnias como as xinguanas, a maraguá e populações caboclas e ribeirinhas no arquipélago marajoara. Com motivação e preferência de esudar o mundo das lutas, ir a campo e se aproximar das comunidades, pessoas e povos serviu para essaa experiência contida nesse escrito que pretende se tornar ciência, comunicando trabalho na construção de nova fronteira de conhecimentos com coleta que respeita a ética científica, os povos co-autores, perseguindo rigor e inovação acadêmica.

**Método**

Qualitativo, bibliográfico, descritivo, exploratório, analítico, compreensivo, interpretativo, de cunho etnográfico, sob viéses antropológicos e psicológicos, com utilização de viagem a campo, observação nas comunidades, anotações em caderno de notas, conversas informais e formais com praticantes, equipe e organizadores das modalidades em estudo, como na Ilha do Marajó, em material literário e vídeos, tendo sido tomado todos os cuidados éticos iniciais nos contatos e procedimentos preliminares. O período de coletas bibliográficas (online e impressas raras), contatos com representantes das modalidades se deu nos dois últimos anos (mesmo antes), no período de 2020 a 2022 (atual, de fluxo contínuo). Especialmente sobre a agarrada marajoara, mais contemporâneamente chamada de Luta Marajoara (LM), estive presente e coletei dados no tradicional Festival de São Sebastião (primeiros torneios premiados da modalidade surgiram nesse festejo popular) e nos três primeiros, pioneiros, campeonatos estaduais (paraenses) nos períodos: **1)** **Primeiro** Campeonato Paraense de LM: *22 a 25 de julho de 2021*, no município de Ponta de Pedras; **2)** Torneio de LM da Festividade de São Sebastião: de 10 a 20 de janeiro de 2022, no município de Cachoeira do Arari; **3) Segundo** Campeonato Paraense de LM: *09 a 10 de abril de 2022*, no município de Santa Cruz do Arari; **4) Terceiro** Campeonato Paraense de LM: no dia único de *11 de junho de 2022*, no município de Muaná.

**Resultados**

***Ikindene***. Ou *ikindene hekugu*, é praticado por indígenas do Território indígena do Alto Xingu, localizado no Estado do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira. Há pouco material sobre esse modo de lutar-ritualizar, sendo mais recente a dissertação de Avelar (2010), a tese de Carlos Eduardo Costa (2013) e a dissertação de Leandro Paiva (2021), que desenvolveram aspectos etnográficos e etnoarqueológicos, relacionado com os mitos, os ritos e o lúdico desta expressão do lutar. Esse material foi estudado intensivamente e se realiza aproximações com o território e seus povos.

***Piãguá***. A agarrada corporal do *piãguá* dos indígenas Maraguá do Estado do Amazonas, é uma modalidade totalmente desconhecida pelo público leigo e acadêmico, até então. É somente na dissertação de mestrado de Núbia Lira Cintrão (2012), sobre a farinhada em território indígena (TI) Maraguá, que se encontrou uma rara menção à manifestação cultural desta luta. Desconhecida mesmo entre estudiosos de lutas corporais em ciências do esporte e educação física, muito menos citada como luta indígena na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como é o caso das duas outras modalidades aqui em estudo. Importante, também, a aquisição, leitura e contato com a literatura do escritor maraguá/saterê-mawé Yaguarê Yamã, em especial o seu livro entitulado *Maraguápéyára* (2014), no qual há uma breve descrição da luta chamada de piãguá, e toda sua função ancestral de ritos de poder, que foi modificada até sua versão contemporânea, reduzida ao contexto de ritual-lazer.

***Marajoara***. Com coleta de dados avançada, com indas e vindas aos territórios remotos do arquipélago do Marajó, com o estudo das primeiras obras, como as pioneiras de José Wildemar Paiva de Assis e Fernando Pereira de Jesus (1997) e Assis (2010) até as comunicações recentes, e crescentes, sobre a LM. Estive presente nos três primeiros campeonatos paraenses de LM e participei como lutador no evento realizado em Cachoeira do Arari, o mais antigo dentre os eventos, com premiações em dinheiro, medalhe e taças. Assim, apresento dados sobre a agarrada marajoara, com mais de 200 anos, que recentemente se institucionaliza como esporte de rendimento e esporte escolar na Educação Física Escolar paraense e nacional.

Destas leituras, estudos, pesquisas, participações, viagens com recursos próprios, apresento análises, interpretações e reflexões sobre modalidades de lutas agarradas brasileiras ainda pouco conhecidas, e também, como as faço importantes na fase inicial da minha tese teórica-metodológica, ou seja, a já anunciada construção de uma antropo-psicologia social do esporte e as diversidades étnicas e populares dos jogos tradicionais indígenas amazônidas e das práticas esportivas e corporais dos povos e comunidades na região onde vivo e trabalho: a Amazônia.

**Discussão**

Em primeiro lugar, meu primeiro encantamento com modalidade *ikindene hekugu* se deu na adolescência por conta da leitura de matéria inédita publicada na edição brasileira da revista *National Geographic*, ainda na década de 1980. Desta revista tenho arrancada e guardada somente as páginas da matéria que descrevia muito sumariamente, com fotos coloridas e bem ilustrativas, a então chamada *huka-huka*. Na época, uma nota da revista me chamava a atenção: o nome *huka-huka* teria sido dado à luta por jornalistas ingleses por ser a onomatopéia feita pelo par de lutadores como que imitando o som da onça em momento de fuga ou ataque.

Muito tempo depois, e recente, que Avelar (2010) e Costa (2010) realizam estudos etnográficos sobre a *huka-huka*. Com seu nome original na língua da etnia Kalapalo, o *Ikindene* é uma prática de luta agarrada indígena cerimonial xinguana, conjunta em sua ludicidade e competitividade, relacionada ao ritual de luto do *Egitsu*, ritual pós-funerário para homenagear os que atingiram o grau de *Anetü* (chefes). Jogos rituais que preenchem todo um calendário-sazonal, o que implica todo um trabalho familiar, intergeracional, de parentesco e comunitário, que permite os processos de identificação da pessoa-comunal indígena.

No trabalho de Paiva (2021), pode-se averiguar que o primeiro registro histórico das lutas no Alto Xingu é de 1887, graças ao trabalho antropológico de Karl Von Den Steinen. Segundo Paiva, a obra deste antropólogo foi publicada no Brasil somente em 1940, intitulada *Entre os aborígenes do Brasil Central*, já fazendo alusão ao termo mais conhecido *huka-huka*, também indicando que seria baseado na onomatopéia mimética do urro da onça. Essa informação corrige a minha referência inicial, o possível erro de informação ou sua superficialidade na respeitada *National Geographic*. Entretanto, traz outro nome da luta em território xinguano, o *Joetyk*, em relação com outro ritual *Kwaryp*, de enlutamento da etnia Kamayurá. E ainda aponta que há pelo menos cinco denominações diferentes de lutas corporais xinguanas, dependendo da língua em questão, o que abre para possibilidades de retomadas e novas questões, novas buscas etnográficas para a compreensão das variações linguísticas e corporais dos rituais-lutas que no senso comum se denomina *huka-huka* e se propaga na mídia como ocorrendo no *Kwaryp*. O que carece aprofundamento científico mais rigoroso e ético, porém que não mais se sustenta nesta altura, visto que comporá documentos oficiais de educação e formação de pessoas, de pesquisas sérias na construção de conhecimentos mais sólidos e claros ou políticas públicas no campo em estudo.

Por sua vez, em segundo lugar, a luta agarrada *piãguá* abre um novo horizonte de pesquisa, pois essa modalidade não é conhecida fora da sua região, município Nova Olinda do Norte, Amazônia. Ao buscar trabalhos sobre jogos indígenas, encontrei a disserta ção de Cintrão (2012), sobre a cultura Maraguá, e na mesma ela cita brevemente a luta corporal piãguá como uma luta de defesa de clã, onde cada par de lutador é pintado com o desenho de seu grupo, diferidas por desenhos, com as cores de jenipapo e do urucum, quase universal vermelho e preto. Porva masculina, de resistência em um círculo desenhado no chão. Aquele que conseguir empurrar o adversário para fora do circulo ou jogá-lo de costas ao chão vence, regra típica da agarrada. O vencedor escolhe o prêmio que se repetem para todas as provas: cocá, arco e flecha ou colar. Avançando na busca dessa desconhecida agarrada, encontro o material produzido por Yaguarê Yamã et al (2014), em especial o seu livro entitulado *Maraguápéyára*, no qual descreve mais detalhes do histórico da luta, como sua ressiginficação contemporânea, pois era de caráter mais violento por disputa de cacicado. Em conversa informal com Yamã nas redes sociais, iniciei aproximação com interesse acadêmico, e este importante autor maguaré afirmou que a mesma ainda é praticada, porém como atividade lúdica e esportiva contemporânea.

Finalmente, em terceiro lugar, a agarrada marajoara é modalidade que ocorre na porção leste do arquipélago do Marajó. A literatura sobre aponta que a mesma se iniciou como atividade lúdica nas fazendas, como exemplo, para aquecer o corpo diante o banho frio nos igarapés, por vaqueiros, ribeirinhos ou caboclos da região. Da origem de observação da luta de búfalos, comum na região, à alusão a sua origem indígena, dificilmente sustentada com material arqueológico, a agarrada marajoara se torna LM e caminha para um avançado processo de institucionalização na região, (esportivização e escolarização). O trabalho de aproximação acadêmica é inaugurado por Assis (1997) em trabalho técnico na Secretaria de Educação do Estado do Pará, e depois como dissertação de mestrado, em Assis (2010). Com a introdução da LM no BNCC, esta modalidade de agarrada começa a ganhar interesse acadêemico com um corpus em atual construção de conhecimentos, especialemente dispara por grupos organizados de pesquisa da área de Educação Física, como em Antunes e Campos (2020) e Santos, Andrade e Freitas (2021), dentre outroas artigos e dissertações novas em andamento as quais acompanho.

Com recursos próprios, e ajuda parcial da atual Federação Paraense de Luta Marajoara (FPLM), estive nos três campeonatos oficiais organizados por essa instituição responsável pelo esportivização da LM. Observei e conversei com organizadores, atletas e público. Há diferenças de organização diversas dos eventos ocorridos em Ponta de Pedras, Santa Cruz do Arari e Muaná, bem como no evento mais antigo da competição organizada que ocorre na Festividade do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, onde também está o Museu do Marajó, conhecido pelas cerâmicas e cultura dos povos indígenas ancestrais que habitaram a região. Dessas diferenças organizacionais podemos apontar tamanho da arena, conhecida como curral, do número de participantes, da periodização dos campeonatos, ainda insípida e em processo de discussão entre tradição e modernidade da LM. Dos aspectos psicossociais os atletas são amadores, não vivem da luta, são de classes populares, alguns desempregados ou subempregados, se relacionam de forma harmoniosa, até carinhosa e acolhedora para os de fora, como eu, apontando uma riqueza de humanidade cabocla, com a qual me pessoalmente me identifico por ser de Belém. Há muitas dificuldades de deslocamentos no Marajó, especialmente por via fluvial na época das chuvas (dezembro a maio) e na estiagem/seca (junho a novembro), são viagens cansativas e às vezes desconfortáveis. A combatividade, competitividade, entre os lutadores dos municípios é um dado marcante, porém saudável, os lutadores se desafiam e se caçoam um do outro em redes sociais de contato como no whatssap, de forma saudável, com raros ataques grosseiros. Os históricos de cada região se diferenciam, como Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras, Muaná, dentre outras, terem geografia e conomia diferentes. Recentemente, destaca-se o desligamento ideológico entre membros da FPLM gerando a Liga Brasileira de LM, desdobramentos politicos organizacionais que venho companhando. A preparação psicológica dos atletas é amadora, nem sempre mencionada ou clara, é feita pelo treinador principal. Na busca dessas categorias psicológicas temos que considerar as dimensões sociais e econômicas, não uma mera psicologia aplicada, estando entre o esporte de participação e formador e o esporte de alto rendimento, olhando para o atleta amador (termo ocidental) das agarradas como ser humano em contextos de diversidades de formação de identidades étnicas, culturais e populares diversas.

Justamente na construção de uma psicologia do etnoesporte e dos JET, estamos mais de acordo com uma psicologia social do esporte, ou com apoio na Psicologia do Esporte com forte viés social, nas Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) em políticas públicas de esporte, nas Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) com povos tradicionais, dentre outras diretrizes decoloniais, por exemplo. Mas também em contato com as lideranças das comunidades em especial (caciques, vice-caciques e conselho dos idosos), das entidades representantes sociais indígenas como a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI/SUS), Federação Paraense de Luta Marajoara (FPLM), Liga Brasileira de Luta Marajoara (LBLM), Associação Paraense de Luta Marajoara (APLM), esta última na comunidade ribeirinha marajoara de Jenipapo, onde também já realizei visita técnica, dentre outros orgãos.

**Considerações finais**

Os objetivos propostos nesse estudo foram alcançados parcialmente na medida que se trata de uma construção inovadora, original e em andamento. Vários são os aprendizados com essa construção, dos geográficos aos humanitários, pois estamos em contexto continental amazônico, muito diverso, uma escola na floresta, nos cerrados e nos sertões, jamais iguais entre si. Os deslocamentos exigem paciência, coragem e recursos, dos quais estamos na busca.

Futuras pesquisas continuarão na intenção de desenvolver a psicologia do etnoesporte e dos JET, com base nas coletas das agarradas amazônidas, indígenas e caboclas, com idas diversas a campo, como o que será feita em Nova Olinda do Norte, Marajó novamente, e constantemente, e iniciação ao Xingu, primeiro território indígena brasileiro. Bem como avançar estudos sobre outras modalidades como o Xondaro e o Sambo Guarani, no Mato Grosso e São Paulo, e a agarrada Idjassú da etnia Javaé, na Ilha do Bananal, território federal.

Finalmente, portanto, a construção de uma disciplina nova, ou campo, que se propõe a psicologia do etnoesporte e JET, baseada também nesses estudos sobre as lutas corporais agarradas, deve buscar o rigor científico e acadêmico para embasar os aspectos teóricos-metodológicos que se propõe desenvolver, sempre com procedimentos éticos na aproximação e devolução do conhecimento que avança junto a esses povos e comunidades tradicionais e populares, indígenas e caboclas.

**Referências**

ANTUNES, M.M.; CAMPOS, I.S.L.. Luta Marajoara: aspectos técnicos, esportivos e pedagógicos. IN: **Dialogando com as lutas, artes marciais e esportes de combate.** ANTUNES, M.M.; MOURA, D.L.(orgs.). Curitiba: CRV, 2021.

ASSIS, J.W.P. e DE JESUS, F.P.**Agarrada Marajoara**. Trabalho técnico realizado junto a Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC/PA), Apostila. Belém/PA, 1997.

ASSIS, J.W.P. **A agarrada Marajoara como manifestação de identidade culturalda Ilha do Marajó/PA**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Castelo Branco, dezembro, 2010.

AVELAR, G.S. **Valores Brutos: lutadores do alto-xingu**. (Dissertação Mestrado).Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARDIAS-GOMES, F.J. O peso da tora: jogos tradicionais Timbiras, cosmopolítica e defesa do território-étnico. nn: **Annals of the XV Encontro Regional da Associação Brasileira de Psicologia Social***.* Disponível em,: <https://www.abrapsosp2021.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=167> , acesso em 13/07/2021. 2021a.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Etnoesporte Timbira: aspectos socioculturais e psicossociais do corpo-território e ressignificações da corrida de tora Amazônida. In: Stela Maris Ferrarese (org.). **Juegos Indígenas Antiguos y Contemporáneos de América del Sur*.***Museo del Juguete Étnico/Argentina, 2021b.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Ethnosport psychology and Indigenous sportmanship: a Brazilian contribution. In: Turkman, M.; Ziyagil, M.A.; , Kaya, A.. ***Impacts of traditional sports and games on global peaceand development during and after Covid-19***. Gece/Kitapigli: Ankara, Turquia, 2021c.

CINTRÃO, N.L.. **A singularidade da farinhada em território indígena: um estudo na sociedade Maraguá em Nova Olinda do Norte-AM no período da cheia e secas dos rios**. (Dissertação Mestrado) Universidade Federal do Amazonas. UFMA, Manaus, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA-(CFP-Brasil). **Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas**. Conselho Federal de Psicologia( CFP), Conselhos Regionais de Psicologia(CRPs), Centro de Referência Técnica em psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), 1. Edição, Brasília, 2022.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) em políticas públicas de esporte**. Conselho Federal de Psicologia( CFP), Conselhos Regionais de Psicologia(CRPs), Centro de Referência Técnica em psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), 1. Edição, Brasília, 2019.

­­­­­­­­­­­­­­­­\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) com povos tradicionais**. Conselho Federal de Psicologia( CFP), Conselhos Regionais de Psicologia(CRPs), Centro de Referência Técnica em psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), 1. Edição, Brasília, 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Psicologia do Esporte: O Corpo em Movimento. IN: **Revista Diálogos**, ano 14, dezembro de 2018. Conselho Federal de Psicologia( CFP), Brasília, 2018.

COSTA, Carlos Eduardo.**IkindeneHekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu.** 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

ESSA, M., ARELLANO, A. E. M., STUART, S., SHEPS, S. Sport for indigenous resurgence: Toward a critical settler-colonial reflection. In: **International Review for the Sociology of Sport**. V. 57, N. 2., 2022.

FASSHEBER, J.R. M.. **Etno-desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang** (Tese de Doutorado). Campinas: [s.n.]. 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Etno-desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang**. Brasília, Brazil: Ministério do Esporte, 2010.

FASSHEBER, J.R.M.; CARDIAS-GOMES, F.J. Etnoesporte**, um conceito no mundo no séc XXI**. Trabalho apresentado no International Sociology of Sport Association, Mexico, 2020.

FERREIRA, VINHA, 2015. **Celebrando os Jogos, a memória e a Identidade: XI Jogos dos Povos Indígenas Porto Nacional-Tocantins 2011**. Dourados: UFGD, 2015.

GUEDES, S, L. **Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Editora da Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 1997.

HAESBAERT, R. **Território e Descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na ¨América Latina**¨. Ciudad Autonoma de Buenos Aires, CLACSO; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021.

KYLASOV, A. **Ethnosport. The End of Decline** (Sport: Kultur, Veränderung/Sport: Culture, Change)*.* Zurich: LIT Verlag. 2012.

LAvEGA, P.. **Traditional games and education to learn to create bonds. To create bonds to learn**. Stud. Phys. Cult.. Tourism, 11 9-32, 2004.

MAUSS, M.. Body Techniques. Article Originally Published **Journal of Psychology, XXXII**, ne, 3-4, 15 March-15 April, 1936.

MIRANDA, E.O. **Corpo-território e educação decolonial: proposições afro- brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

PAIVA, L. **Joetyk: uma antropologia da luta corporal alto-xinguana**. (Dissertação Mestrado) Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2021.

PALERBAS, P.**Reseaux dans le jeau et les sports**. La anée socio.2, 2002.

RUBIO, K; CAMILO, J. A. de O. **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Képos, 2019.

SANTOS, C.A.F; ANDRADE, W.A.G.; de FREITAS, R.G.. **¨Conheço bem mais uma arte do outro lado do mundo que uma aqui do outro lado do rio¨: luta marajoara e reconhecimento em academias de ginásticas.** IN: **Revista Kinesis**, Santa Maria/RS, 2021.

SAURA, S.C.; ZIMMERMANN, A.C. Traditional Sports and Games: Intercultural Dialog, Sustainability and Empowerment. IN: **Frontiers in Psychology**, 2021.

TOLEDO, L.H.. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). IN: **BIB**, n.52, São Paulo, 2001.

YAMÃ, Y; **YAGUAKÃG, E.; GUAYNÊ, U.; GUARÁ, R.W. Maraguápéyára**. Valer: Manaus, 2014.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. [↑](#footnote-ref-2)
2. JET faz alusão ao termo abreviado TSG (Traditional Sports and Games), usado internacionalmente como pela UNESCO. Nesse caso consideramos os jogos e esportes tradicionais indígenas, os de outras etnias, sejam de terreiros, de migrantes, as diaspóricas e mesmo os populares, os quilombolas, os ribeirinhos, dentre outros povos. [↑](#footnote-ref-3)